RIO BRAVO

CARTA ESTRATÉGIAS

Maio 2026

riobravo.com.br

Na sala de espera

Texto de Gustavo Franco

Maio inevitavelmente começa com o comício do Dia do Trabalho, organizado pelas centrais sindicais, sempre misturando atrações artísticas e a presença de políticos.

Desde a edição de 2024, no entanto, quando o evento foi um fiasco de público, mesmo com a presença de Lula, a data perdeu densidade. Especialistas observam que o esvaziamento do evento é uma tendência internacional, que reflete alterações nas prioridades e agendas do mundo do trabalho.

Mas a oportunidade não foi perdida. O governo escolheu a data para o anúncio do programa Desenrola 2.0, o segundo esforço para "apoiar famílias brasileiras na renegociação de dívidas em atraso". Tal como a primeira versão, a iniciativa é uma espécie de "feirão" de reestruturação de dívidas, cujo impacto é tanto maior quanto mais recursos públicos são utilizados.

> O governo parece mais interessado nas repercussões de curto prazo na imprensa, e nas pesquisas eleitorais, que nos impactos na economia e na produtividade.

As estatísticas de "negativados" sempre impressionaram os políticos, e o endividamento pessoal fornece uma das mais importantes alavancas para o consumo. Há certo paradoxo quando o governo incentiva esse consumo alavancado para depois identificá-lo como problema e utilizar recursos públicos para sustentá-lo.

O Desenrola 2.0 foi visto como mais uma bondade de natureza eleitoral, que vinha se juntar a outros programas, que vão congestionando a publicidade oficial (Gás do Povo, Pé de Meia etc,).

Na verdade, importa menos a efetividade do programa que o noticiário que ele provoca.

A maior "bondade" de todas, todavia, tinha um trâmite mais complexo, inclusive de natureza constitucional. A medida foi guardada para este momento mais crítico da competição eleitoral: a redução na jornada de trabalho.

A substituição da escala 6x1 por outro regime vem sendo discutida nos últimos meses, num contexto de crescente aprovação popular, tal como se esperaria, por exemplo, de um aumento geral de salários, ou do salário-mínimo.

Quem pode ser contra?

Entretanto, tem-se aí um desses exemplos

enjoados de temas de grande apelo popular, mas de viabilidade econômica duvidosa, na melhor das hipóteses. Se a elevação do salário-mínimo realmente eleva o poder de compra das classes despossuídas, por que mesmo não se faz?

> O mês de maio terminou com o retorno das querelas em torno de tarifas impostas pelos EUA

O longo histórico de populismo inflacionista já ensinou às autoridades brasileiras, latino-americanas e de outros continentes, que essas mágicas são contraproducentes. Aumentos de salário nominal geralmente acabam reduzindo o salário real e congelamentos de preços acabam fomentando a própria inflação.

É romântica a ideia de que o salário não poderá ser reduzido para um contrato de trabalho com menos horas. Se o ano-calendário também não sofrer uma redução, o PIB terá algo como 14% (1/7) menos dias úteis: como esperar que não seja menor?

Mesmo assim, a retórica em torno da medida é muito poderosa. O debate sobre o tema não foi muito grande: a PEC foi votada e aprovada na Câmara com números impressionantes: 461 a favor, 19 contra.

Há certa discussão quanto a variantes e com respeito à velocidade de adaptação. Mas a matéria ainda vai ao Senado, onde se diz que o projeto encontrará "o adulto na sala"[1].

O fato é que o governo parece mais interessado nas repercussões de curto prazo na imprensa, e nas pesquisas eleitorais, que nos impactos na economia e na produtividade. O poder gravitacional da eleição é imenso, parece atrair tudo para si, mesmo a luz desaparece no vórtex das versões e narrativas para influir na votação.

Houve grande abalo em meados do mês com a divulgação de um áudio (dia 15) do principal adversário de Lula, Flávio Bolsonaro, em que se dirigia a Daniel Vorcaro, o onipresente acionista controlador do Banco Master.

Em contraste, houve muita discrição e comedimento diante da notícia (dia 25) de que o presidente iniciava 15 sessões de radioterapia para lidar com as consequências de um "carcinoma basocelular" (antes referido como uma lesão na pele, agora descrito pela "Agência Brasil" como "o tipo mais comum de câncer de pele") retirado em abril do couro cabeludo do presidente.

O presidente exibiu pequeno crescimento nas pesquisas, tudo considerado, e o mês de maio terminou com o retorno das querelas em torno de tarifas impostas pelos EUA.

> Vai ficando mais concreta a possibilidade de se interromper o ciclo de baixa dos juros

Na verdade, foram dois temas com os EUA: (i) tarifas conforme recomendadas por um relatório do USTR (United States Trade Representative) na forma da seção 301 da lei de comércio exterior americana, um rito já bem conhecido e testado do protecionismo americano[2]; e (ii) o US Department of State decidiu designar como organizações terroristas o PCC (Primeiro Comando da Capital) e o CV (Comando Vermelho)[3].

É complexa a interpretação de ambas as medidas.

No caso do relatório do USTR, há muitos temas misturados. Existe o protecionismo brasileiro

1 https://braziljournal.com/a-camara-fez-uma-farra-com-a-jornada-6x1-o-senado-pode-ser-o-adulto-na-sala/
2 Para o press release do USTR: https://ustr.gov/about/policy-offices/press-office/press-releases/2026/june/ustr-section-301-determination-brazils-unreasonable-acts-policies-and-practices
3 Para o press release do Departamento de Estado: https://www.state.gov/releases/office-of-the-spokesperson/2026/05/terrorist-designation-of-comando-vermelho-and-primeiro-comando-da-capital

– do qual o Brasil não pode declarar-se inocente –, mas em um invólucro politizado e misturado com temas como pirataria, o PIX, o desmatamento e o combate à corrupção, todos organizados de modo a prover base legal para o aumento de tarifas e negociações que devem se seguir.

> As eleições estão próximas, mas não chegam. Na sala de espera há muitas distrações, nenhuma delas é inocente.

É uma reprise menos improvisada do "tarifaço" do chamado liberation day (02/04/2025), que foi derrubado por uma decisão da Suprema Corte dos EUA.

O segundo tema, referente ao PCC e ao CV, foi o que teve maior impacto eleitoral. Há vários motivos: o tema da segurança pública é talvez o maior de todos aos olhos do eleitor brasileiro, e o candidato Flávio Bolsonaro teria recomendado a medida ao governo americano. Há menos clareza sobre os reais efeitos dessas duas ações. As tarifas serão negociadas e suas justificativas, objeto de atenção da diplomacia especializada de ambos os países. Os especialistas não parecem muito assertivos sobre as exatas consequências da segunda medida. Pesquisas de opinião parecem suprir as lacunas, e as opiniões estão divididas sobre o assunto: o eleitor brasileiro não tem especial simpatia por Donald Trump, mas não desaprovou a medida.

Pouco se falou de economia nesse mês de maio, quando as expectativas de inflação pioraram um tanto, e o anúncio do PIB para o primeiro trimestre confirmou a situação de aquecimento. Vai ficando mais concreta a possibilidade de se interromper o ciclo de baixa dos juros.

As eleições estão próximas, mas não chegam. Os profissionais do assunto dizem que as coisas começam de verdade só em agosto, com as convenções partidárias e a propaganda eleitoral pela TV. Parece haver um longo deserto a atravessar, um chá de cadeira numa sala de espera em que a campanha já arde em alta temperatura mas formalmente só há "pré-candidatos" e tudo o que se parece com "campanha antecipada" é um problema com a Justiça Eleitoral.

Claro que é difícil para a Justiça Eleitoral tomar as "bondades" federais como ato de campanha. O assunto é delicado. Na verdade, eleição é um assunto delicado, sempre.

Claro que já começou, e na sala de espera há muitas distrações, nenhuma delas é inocente.

ECONOMIA

Antes de apostar no óbvio

Texto de José Alfaix

Das várias zebras coletadas ao longo da história das eleições, talvez a mais interessante seja a disputa Truman-Dewey em 1948.

Truman, o vice de Roosevelt, assumiu a presidência com a morte do titular em 1945, mas não tinha carisma comparável, nem luz própria. Era considerado impopular mesmo entre os eleitores sulistas de seu partido. Na véspera das eleições, os grandes analistas políticos decretavam o fim de sua carreira.

No dia seguinte, 2 de novembro de 1948, pouco antes do fim da contagem dos votos, o "Chicago Daily Tribune" chegou a publicar a icônica manchete: "Dewey derrota Truman". Encerrada a contagem, entretanto, o resultado foi outro, 303 votos para Truman contra 189 de Dewey.

Truman não deixou passar uma oportunidade nada menos que histórica: deixou-se fotografar sorridente, segurando o jornal que dava em manchete a sua derrota. Um clássico.

Em um caso mais próximo, Fernando Henrique Cardoso, em maio de 1993, teve que furar um piquete de grevistas para conseguir entrar no Ministério da Fazenda para assumir o cargo. Teve que superar, também, muitas outras dificuldades nos meses subsequentes para fazer acontecer o Plano Real. Em abril de 1994, com a URV ainda viva, deixou o ministério para disputar as eleições de outubro, que venceria em primeiro turno. Entre a sua posse como um desacreditado ministro da Fazenda, o quarto do presidente Itamar Franco, e a posse como presidente da República, passaram-se exatos 592 dias. Ninguém poderia imaginar. Ele mesmo, Cardoso, escreveu um livro de memórias em cujo título definia sua presidência como "improvável[1]".

Nas eleições norte-americanas de 2024, Trump obteve não só vitória na disputa presidencial, mas também a maioria das cadeiras no Congresso. E 60% dos 81 institutos nacionais indicavam Kamala à frente.

Em abril deste ano, Peter Magyar encerrou 16 anos de domínio de Viktor Órban na Hungria, com uma participação eleitoral que não era vista no país desde 1990. As pesquisas, por sua vez, mostravam o Fidesz --partido de Órban-- com 45% das intenções de voto, contra 25% do Tisza, de Maygar.

Não faltam zebras no passado recente.

A menos de cinco meses de nossas eleições, casos anedóticos podem servir como lembranças importantes, uma vez que muitos investidores apostam no desfecho eleitoral como uma tese primária de investimento. A vitória de um candidato é sempre óbvia, até deixar de sê-lo. E, em anos eleitorais, cinco meses são uma eternidade.

1 CARDOSO, Fernando Henrique. O improvável presidente do Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2013. https://www.record.com.br/products/o-improvavel-presidente-do-brasil. Em 2022, a plataforma Globoplay também lançou um documentário, cujo título é "O presidente improvável".

CRÉDITO PRIVADO

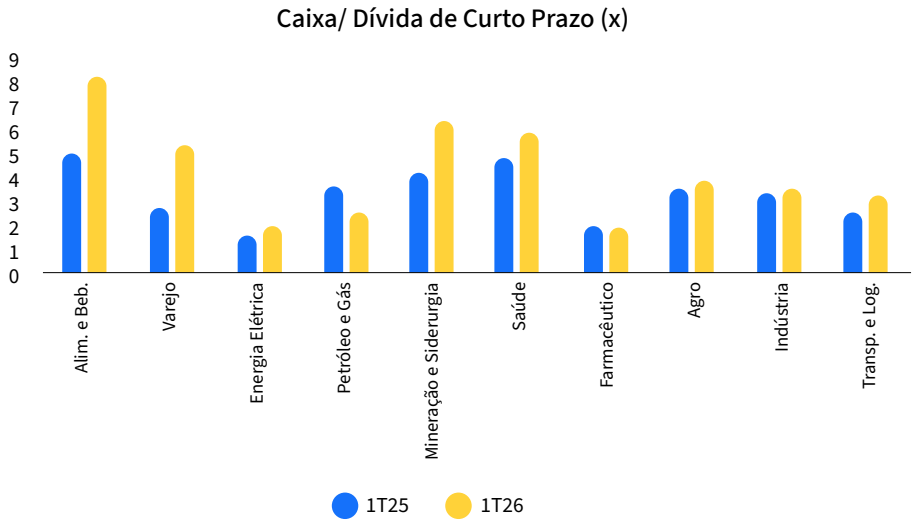
Temporada de resultados e qualidade de crédito das empresas

Texto de Evandro Buccini

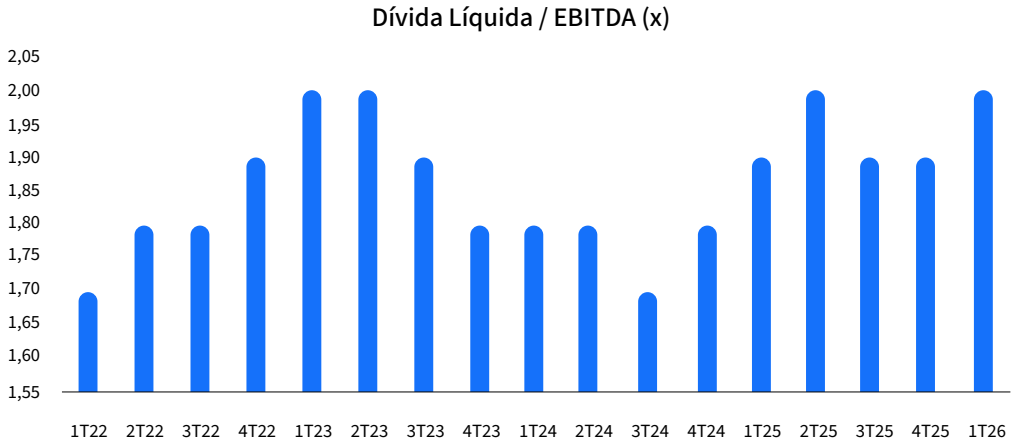
A temporada de resultados corporativos do primeiro trimestre de 2026 foi considerada ruim pelo mercado. No entanto, do ponto de vista de crédito, observou-se que o balanço das companhias segue resiliente, mesmo com uma deterioração marginal em algumas métricas financeiras, algo que vem ocorrendo de forma heterogênea entre setores, chamando atenção para empresas mais alavancadas e para setores mais cíclicos.

Grande parte da explicação desse desempenho tem a ver com os juros altos, que afetam todos os segmentos da economia, alguns mais que outros, aumentando a distância entre empresas com balanços mais fortes e aquelas com balanços mais frágeis.

Mesmo com o aperto dos juros, as empresas vêm conseguindo manter a liquidez em patamares altos o suficiente para cobrir as suas dívidas de curto prazo com certa folga, simultaneamente preservando margens estáveis. O acesso ao mercado de capitais permanece aberto para as companhias, permitindo que elas consigam alongar sua dívida em termos ainda favoráveis. Todavia, a alavancagem das empresas, medida pelo indicador de Dívida Líquida/EBITDA, continua elevada quando comparada ao patamar observado nos últimos quatro anos – e similar ao de 2025.

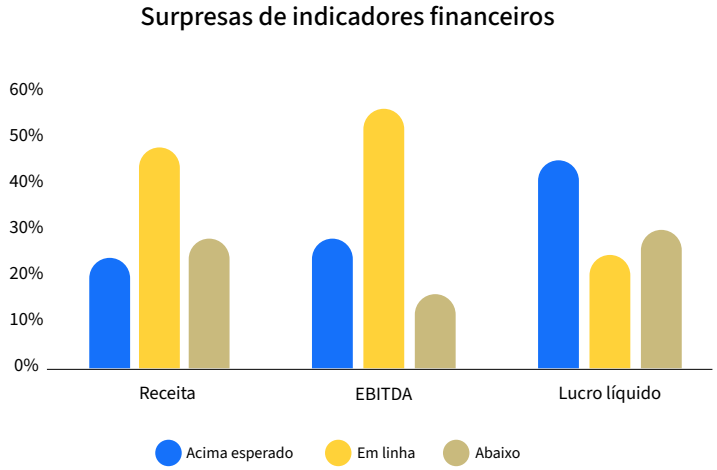


Fonte: Bradesco BBI



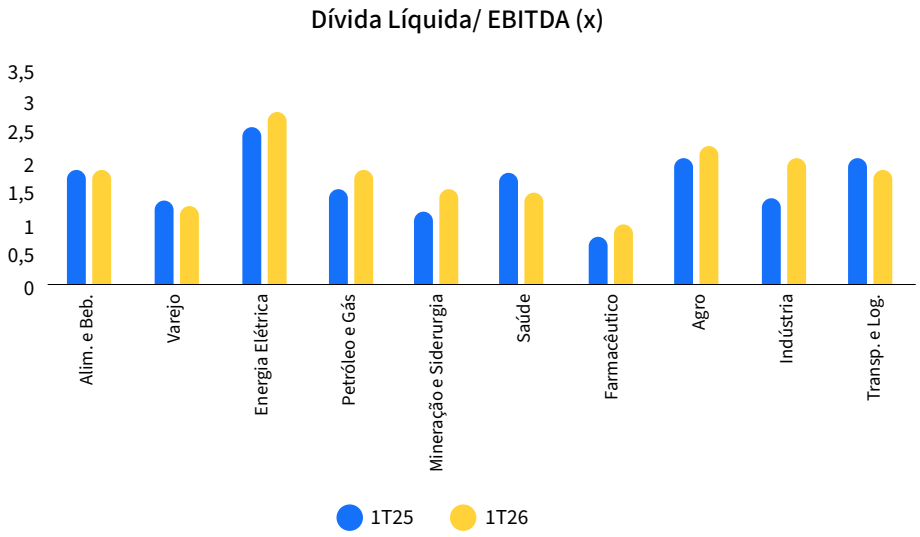
Fonte: Bradesco BBI

Do ponto de vista operacional, nota-se desempenho modesto e com entrega de performance, que, no geral, não estava à altura das expectativas do mercado, conforme a tabela abaixo:



Fonte: Bloomberg, XP

Dividindo a performance por setor, aqueles que merecem destaque são os considerados mais defensivos, relacionados a *utilities*, dada a sua previsibilidade de geração de caixa, recorrência de receita e disciplina financeira. De igual modo, chama a atenção a performance das construtoras voltadas para o segmento de baixa renda, dado o vínculo com o programa Minha Casa Minha Vida. Empresas de *commodities* (petróleo) tiveram desempenho ruim, dada a exposição a ciclo econômico global e a volatilidade geopolítica. Outro desapontamento veio de empresas de setores ligados à indústria, que estão alavancadas e passando por um momento desfavorável do ciclo – algumas delas, aliás, foram forçadas a rever planos de *capex*.



Daqui para frente, é de se esperar que o nível de juros permaneça em patamares elevados por um tempo mais prolongado, o que exige mais cautela na análise. O crescimento deve continuar sólido entre empresas de grande porte, e deve ocorrer de forma mais seletiva entre empresas e setores, aumentando essa divergência de performance.

CP1

O **Rio Bravo Crédito Privado** teve rendimento de 1,27% no mês de maio, o que representa 118,57% do CDI. Analisando o book de debêntures, os setores de destaque foram de utilidade pública e consumo cíclico, sendo as principais contribuições vindo de Aegea (AEGPB3) e Rede Dor (RDORD3). Ao conferir o book de Letras Financeiras, os principais destaques foram Itaú e ABC; já no book de Estruturados, FIDC Siga e FIDC Inlira Consórcio se sobressaíram.

CP30

Em maio, o **Rio Bravo CP Essencial** registrou rendimento de 1,30%, equivalente a 120,97% do CDI no período. O desempenho do mês teve como principais destaques positivos os ativos estruturados, com as alocações em FIDC e CRI, a carteira de debêntures e ativos bancários, com contribuições bem equilibradas.

No segmento de debêntures, os setores de Saneamento, Locação de Automóveis e Saúde foram os principais contribuintes positivos, com destaque para os papéis de Aegea, Rede Dor e Vamos. Não tivemos contribuições negativas no segmento de debêntures no mês.

Entre os ativos estruturados, o desempenho foi impulsionado pelo book de FIDCs, com resultados positivos dos fundos FIDC Inlira Stefannini Consórcio e FIDC Bulla, além do CRI Corpore. No book de Letras Financeiras, os melhores retornos vieram dos papéis de Bradesco e Itaú.

A carteira atual possui carrego esperado de CDI +2,00% a.a., distribuído entre 39 emissores e 10 setores, com exposição a debêntures, FIDCs, CRIs e ativos bancários. Durante o mês, aumentamos a alocação em FIDCs, com investimento no FIDC Multiplike Senior, FIDC Sellor Multisetorial e FIDC Bulla. Para os

próximos meses, seguiremos com uma postura mais seletiva, dando preferência a ativos bancários em relação às debêntures *high grade*, além de ampliar gradualmente a alocação em FIDCs, buscando preservar o equilíbrio da relação risco-retorno do fundo.

Infra CDI

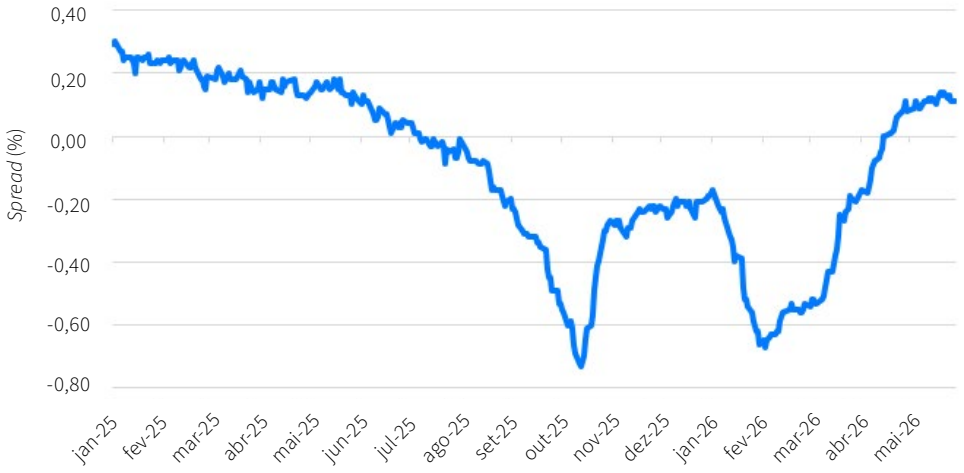
Em maio/26, o fundo **Rio Bravo Infra CDI Incentivado** registrou rendimento de -1,01%, equivalente a 94,30% do CDI no período. O desempenho no mês foi impactado pela performance da carteira de debêntures incentivadas abaixo do CDI e por ganhos na posição de *hedge* de DAP futuro, devido à alta das taxas de juros reais.

O setor de destaque positivo no universo das debêntures incentivadas foi Telecomunicações e Saneamento, especialmente Vero e Aegea. Em contrapartida, Saneamento e Mobilidade Urbana amargaram desempenho inferior no período com as debêntures de BRK Ambiental e Motiva.

A carteira atual apresenta um carrego esperado de CDI +1,40% a.a., distribuído entre 42 ativos e 16 setores, com alocação em debêntures incentivadas e FIDCs.

Ao longo do mês, o *spread* de crédito das debêntures incentivadas terminou próximo da estabilidade, com a mediana do *spread* positivo de +11bps em relação a NTN-B.

Debênture Incentivadas - Mediana *spread* de crédito



Fonte: Credit Guide

Acreditamos que o atual nível de preços volta a abrir oportunidades em ativos isentos, podendo sustentar uma recuperação gradual de rentabilidade e captação nos fundos incentivados ao longo dos próximos meses.

IMOBILIÁRIO

Por que alguns imóveis mudam de destino

Texto de Anita Scal e Marcelo Zamuner

Quando se olha um portfólio por fora, é tentador resumir tudo a dois ou três números e à data em que eles apareceram. Por dentro, quase nunca é assim. Os imóveis normalmente são heterogêneos e cada um deles é uma história a ser contada. As operações não começam quando viram fato relevante. Começam antes, na consistência do dia a dia: conversa, visita, ajuste de premissa, recuo, nova tentativa.

Vendas: ainda é gente falando com gente

Há uma pergunta que volta com frequência quando o assunto são imóveis que nasceram como agências bancárias: quem compra esse tipo de ativo? Não é uma pergunta retórica. Esses ativos, por definição, não têm um grupo de compradores tão amplo quanto outros tipos de imóvel.

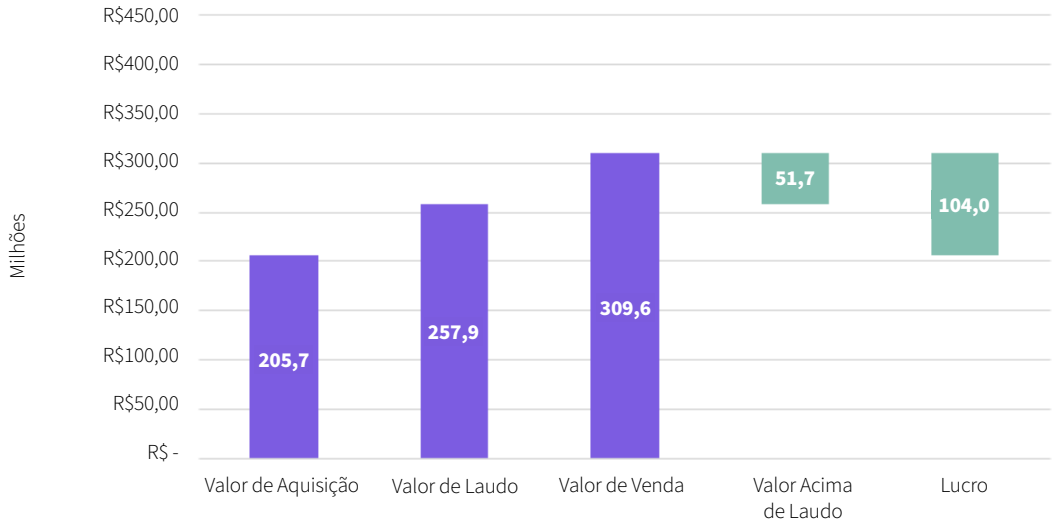
O que temos visto, ao longo do tempo, é que a venda tende a acontecer quando três coisas andam juntas: organização de informação, timing e rede. E aqui vale registrar um ponto que parece simples, mas faz diferença: conversar com o corretor continua sendo parte central do processo. Não é etapa formal. É trabalho de campo, ainda mais num portfólio espalhado por várias regiões. É ali que o comprador se forma, onde surgem as objeções reais, e onde o "não" costuma vir com pistas úteis para o próximo movimento.

No **RBVA**, esse trabalho tem seguido uma lógica simples: o resultado melhor costuma vir de decisões repetidas com disciplina, mais do que de um único acerto pontual.

Esta carta se apoia em dois movimentos que caminham juntos, que nortearam a transformação que o **RBVA** passou nos últimos anos: vendas e locações.

Esse trabalho foi formando uma rede de corretores e compradores que já conhecem o modo como conduzimos uma transação: sem atalhos, com documentação organizada, premissas claras e disposição para discutir o ativo como ele é. E, às vezes, isso aparece do jeito mais direto: comprador que volta. Tivemos mais de um caso em que, depois da primeira aquisição, os compradores retornaram e adquiriram mais agências em momentos diferentes. Não foi pacote; foi repetição de decisão ao longo do tempo.

Desse modo, já existe uma leitura consolidada: até aqui, foram **32 vendas**, somando **cerca de R$ 310 milhões** em volume e **R$ 104 milhões** de lucro acumulado.



Decidir o que vender (e quando) é parte do resultado

Nem todo ativo precisa ser vendido de imediato, e nem toda venda é "ponto final". Em portfólio, muitas vezes a melhor decisão é a que preserva alternativas: vender quando há procura suficiente, segurar quando o mercado ainda não enxerga valor, ou preparar o ativo para que ele seja visto de outro jeito.

Por isso, seguimos tratando a rotação como um exercício contínuo de leitura: o que está mais fácil de negociar, o que perdeu apelo, o que precisa de tempo e o que pede uma mudança de abordagem. Na prática, isso também aparece na lista de ativos "à venda": ela não é fixa. Nem todos os imóveis ficam expostos o tempo todo. Ajustar o que é apresentado e em que momento muda a conversa, porque altera o tipo de plano que o comprador consegue montar para o imóvel.

Quando a vocação do imóvel fica mais clara

Se as vendas mostram a importância de rede e método, a locação, em alguns casos, reforça um ponto básico: um imóvel costuma valer mais quando o uso combina com o lugar e com a demanda local. Isso aparece com mais força em ativos que carregam um "rótulo" de origem, como o bancário.

Nesse contexto, vale um caso que ilustra bem o tipo de trabalho que temos perseguido. Em Belo Horizonte, na região da Savassi, o RBVA possui um imóvel de cerca de 4.000 m^2 que, por um bom tempo, foi entendido pelo mercado como "agência grande". De acordo com essa leitura, a gestão trabalhou a venda

desse imóvel, e as propostas giravam em torno de R$ 18 milhões. Depois que o banco deixou o espaço, a propriedade foi locada para um supermercado praticamente nos mesmos patamares de negociação, só que a régua mudou e as conversas passaram para algo na faixa de R$ 32–33 milhões. O imóvel é o mesmo. O que mudou foi a maneira como ele passou a ser lido e a narrativa a ele atribuída. Apesar da valorização expressiva, a gestão ainda entende que é possível extrair mais valor do imóvel e por isso espera o melhor timing de venda do ativo.

Esse tipo de reposicionamento abre possibilidades adiante e demonstra a capacidade da gestão de extrair valor do portfólio. Um novo contrato bem endereçado reduz a probabilidade de vacância, melhora previsibilidade e tende a atrair perfis de comprador que antes nem olhavam para aquele ativo.

O trabalho que não aparece

Há uma parte importante dessa história que quase nunca cabe nos comunicados: o trabalho sem data exata. Essa atividade inclui acompanhar corretor, insistir em agenda, revisar minuta, ajustar premissa, entender por que uma hipótese não ganhou corpo e recomeçar com outra. É o que faz com que algumas operações pareçam rápidas quando, na verdade, foram maturadas.

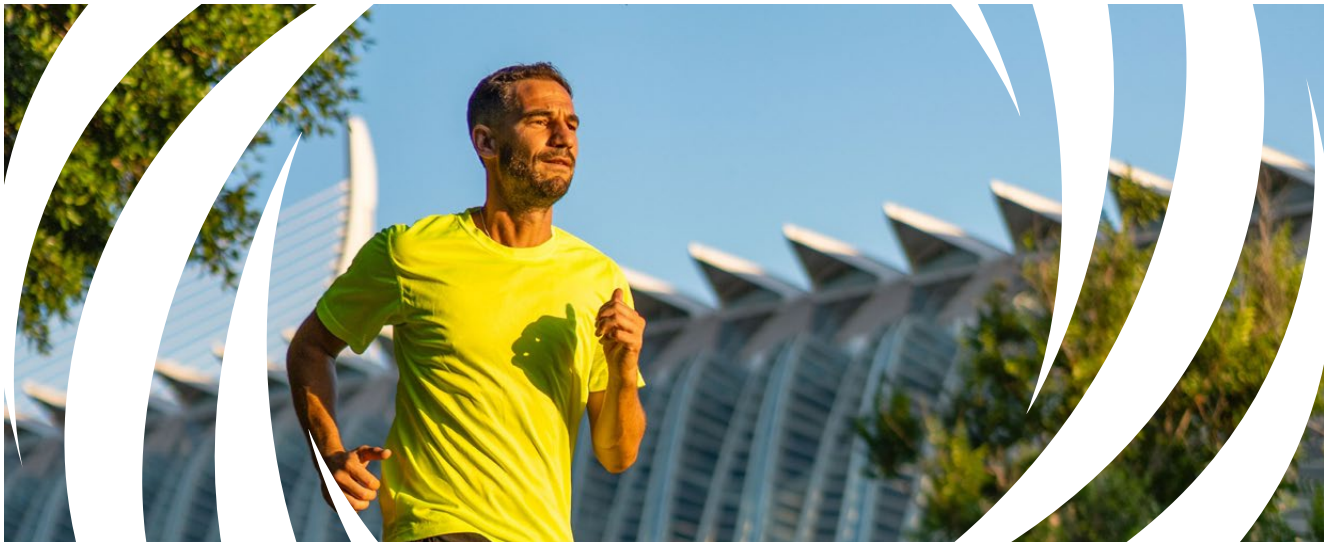
Continuidade

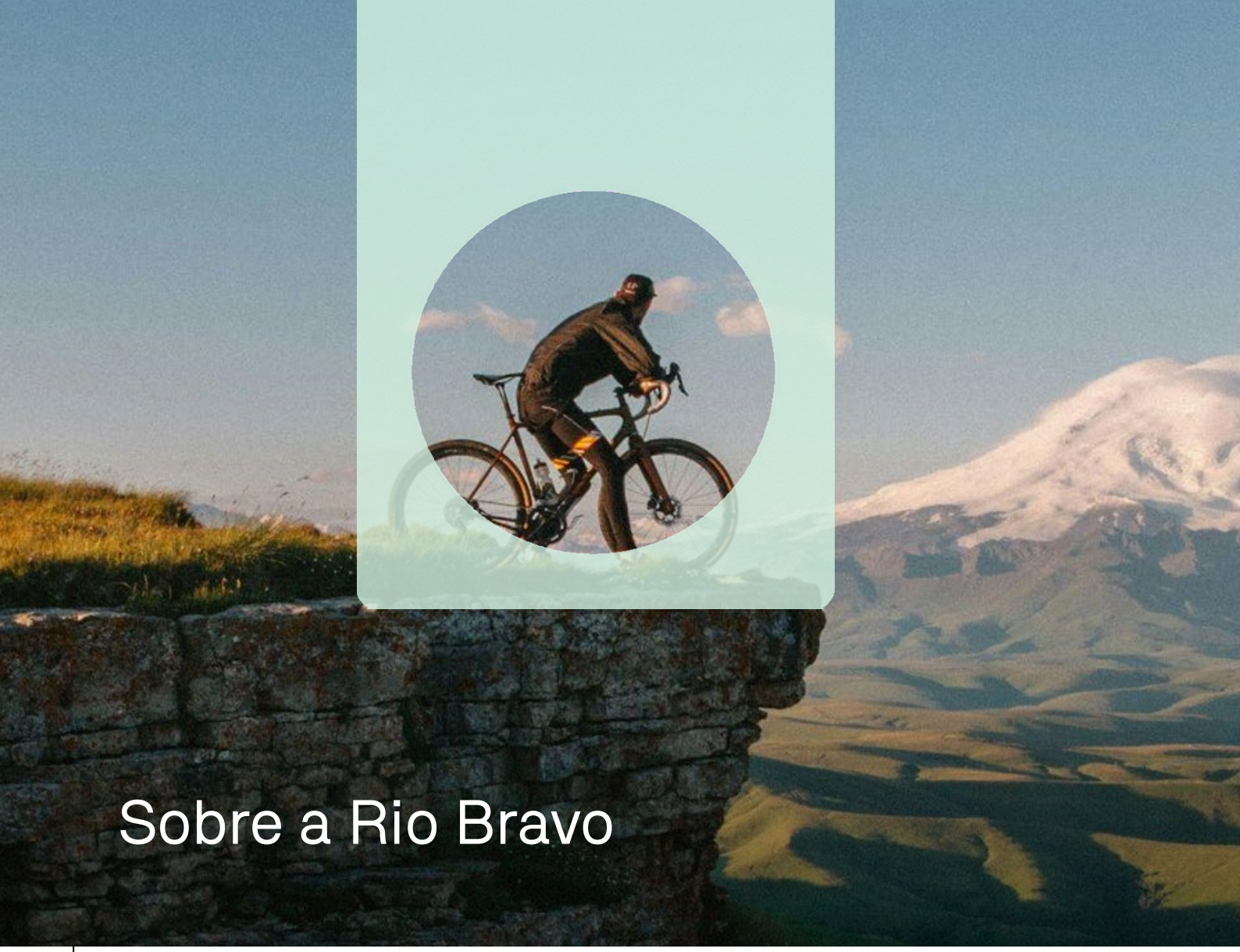
O que está colocado para a frente é a continuidade do mesmo método: manter a rede ativa, aprofundar conversas com compradores que já conhecem o portfólio e seguir buscando ocupações que ajudem a deixar mais clara a vocação dos imóveis. No mercado imobiliário, o tempo pesa e costuma favorecer quem trabalha com consistência.

Performance

	Crédito			Ações e Multestratégia	Índices	
	Rio Bravo Crédito Privado Essencial	Rio Bravo Crédito Privado	Rio Bravo Infra CDI Incentivado	Rio Bravo Radix FIF Ações	CDI	IBOV
maio 26	1,30	1,25	1,01	-7,96	1,07	-7,22
abril 26	1,03	1,03	-0,52	1,12	1,09	-0,08
março 26	1,18	1,13	0,45	-6,28	1,21	-0,70
fevereiro 26	1,00	0,99	0,28	4,36	1,00	4,09
janeiro 26	1,33	1,31	2,04	4,70	1,16	12,56
dezembro 25	1,28	1,27	1,12	-1,38	1,22	1,29
novembro 25	1,12	1,13	0,88	9,69	1,05	6,37
outubro 25	1,17	1,12	1,01	2,84	1,28	2,26
setembro 25	1,36	1,31	2,18	1,99	1,22	3,40
agosto 25	1,30	1,21	1,08	9,44	1,16	6,28
julho 25	1,41	1,42	1,18	-5,82	1,28	-4,17
junho 25	0,97	0,88	1,35	3,32	1,10	1,33
Ano	5,98	5,84	3,30	-4,69	5,66	7,86
12 meses	15,33	15,03	12,82	14,38	14,82	25,45
24 meses		21,71		34,33	22,11	34,68
36 meses		42,89		44,89	43,97	57,91
Desde o início	16,45	433,16	16,84	445,25		
PL Atual (R$ mil)	42.853.553,02	119.833.018,30	38.252.361,31	203.015.371,74		
Data de início	16/04/2025	14/08/2008	16/04/2025	08/10/2013		
Taxa de Administração (a.a.)	1,06%	0,39%	0,91%	2,00%		
Taxa de Performance (a.a.)	10,0% do que exceder 100% do CDI	Não há	10,0% do que exceder 100% do CDI	20% do que exceder 100% o Ibovespa		

Números em percentual, exceto quando informado diferente.





Sobre a Rio Bravo

Somos uma gestora de investimentos independente focada em ativos reais com atuação em imóveis, crédito, ações e multiestratégia.

Fundada por Paulo Bilyk e Gustavo Franco, há 26 anos somos investidores fundamentalistas de longo prazo.

Gerimos R$ 12,5 bilhões de recursos no Brasil para investidores de todos os tamanhos, individuais e institucionais, domésticos e internacionais.

S&P Global Ratings Classificação 'AMP-2' (Forte)

Data-base: dezembro/2025

ESTRATÉGIAS

- Imobiliário
- Crédito
- Ações e multiestratégia

SERVIÇOS

- Estruturação de crédito
- Serviços fiduciários
- Carteira administrada tokenizada

SOLUÇÕES

- Soluções de investimentos para clientes institucionais

Produtos e estratégia

Imobiliário

R$ **10,2** bi AuM

Somos pioneiros e uma das principais gestoras de investimentos imobiliários do Brasil. Atuamos desde a estruturação até a administração e a gestão ativa de FIIs, temos especializações verticais e conhecemos com profundidade cada um dos setores em que atuamos no ativo real.

L	Y	RCRB11	Corporativo
L	Y	RBVA11	Varejo
L	Y	TRBL11	Logístico
L	Y	RBRS11	Residencial
L	Y	RBFM11	Multiestratégia
L	Y	SHPH11	Shopping Center

Crédito

R$ **1,5** bi AuM

Atuamos com fundos que investem em crédito imobiliário, corporativo, de infraestrutura e FIDCs selecionados pelo nosso time de análise e aprovados por um comitê com os nossos diretores. Atuamos em infraestrutura com integração de análise ESG no processo de investimento. Temos uma equipe dedicada à originação de oportunidades que nos permite estruturas únicas e eficientes.

L	Y	RBHG11	CRI High Grade
L	Y	RBHY11	CRI High Yield
A	K	CRÉDITO PRIVADO	Crédito Privado D1
A	K	CRÉDITO PRIVADO ESSENCIAL	Crédito Privado D30
F	K	INLIRA STEFANINI CONSÓRCIO	FIDC Consórcio
F	Y	HEDGE FUND	Hedge Fund
A	K	INFRA CDI INCENTIVADO	Incentivado Hedgeado
L	Y	RBIF11	FI-Infra ESG

Ações e Multiestratégia

R$ **1,5** bi AuM

Atuamos em renda variável desde 2004 amparados em uma abordagem fundamentalista e de longo prazo, e nossa atuação em multiestratégia combina diferentes classes de ativos e táticas de alocação, buscando eficiência, resiliência e retorno ajustado ao risco. Essa atuação é conduzida por um time experiente e multidisciplinar, com governança robusta e processos formais que garantem controle, transparência e avaliação objetiva dos resultados.

L	K	QLBR11	ETF empresas de qualidade Brasil
A	K	RIO BRAVO RADIX	Ações *long only*
A	K	RIO BRAVO PROTEÇÃO	Proteção de capital
A	K	RIO BRAVO SOLUÇÃO	Soluções sob-medida
A	K	RIO BRAVO TEMPLETON CLIMATE CHANGE	Ações climático

L LISTADO
A ABERTO
F FECHADO
Y RENDA
K APRECIAÇÃO DE CAPITAL

Data-base: dezembro/2025
* Considera apenas os principais fundos de gestão da Rio Bravo.

RIO BRAVO

Paulo Bilyk
Chief Executive Officer
Chief Investment Officer

Gustavo Franco
Senior Advisor

Evandro Buccini
Diretor de Crédito

Anita Scal
Diretora de Investimentos Imobiliários

Vanessa Faleiros
Chief Operating Officer
Diretora Jurídico e Compliance

Comercial
comercial@riobravo.com.br

Vanessa Valente
Gerente Comercial

Maisa Oliveira
Gerente Comercial

Luiz Carpegiani
Gerente Comercial

Ligia Pereira
Analista Comercial

Relação com Investidor
ri@riobravo.com.br
11 3509-6500
riobravo.com.br/whatsapp

Isabela Perez

Suze Souto

Ouvidoria
0800 722 9910
ouvidoria@riobravo.com.br

Avalie esse material

CLIQUE AQUI

ANBIMA

Este material foi elaborado pela Rio Bravo e não deve ser considerado um relatório de análise para fins. Este material tem caráter meramente informativo, não constitui e nem deve ser interpretado como sendo material promocional, solicitação de compra ou venda, oferta ou recomendação de qualquer ativo financeiro, investimento, sugestão e alocação ou adoção de estratégias por parte dos destinatários. Os prazos, taxas e condições aqui contidos são meramente indicativos. As informações contidas nesse material foram consideradas razoáveis na data em que ele foi divulgado e foram obtidas de fontes públicas consideradas confiáveis. A Rio Bravo não dá nenhuma segurança ou garantia, seja de forma expressa ou implícita, sobre a integridade, confiabilidade ou exatidão dessas informações. Este relatório também não tem a intenção de ser uma relação completa ou resumida dos mercados ou desdobramentos nele abordados. Os ativos, operações, fundos e/ou instrumentos financeiros discutidos nesse material podem não ser adequados para todos os investidores. Este material não leva em consideração os objetivos de investimento, situação financeira ou necessidades específicas de qualquer investidor. Os investidores devem obter orientação financeira independente, com base em características pessoais, antes de tomar uma decisão de investimento. Caso os ativos, operações, fundos e/ou instrumentos financeiros sejam expresso em uma moeda que não a do investidor, qualquer alteração na taxa de câmbio pode impactar adversamente o preço, valor ou rentabilidade. A Rio Bravo não se responsabiliza por decisões de investimentos que venham a ser tomadas com base nas informações divulgadas e se exime de qualquer responsabilidade por quaisquer prejuízos, diretos ou indiretos, que venham a decorrer da utilização deste material ou seu conteúdo. Este material é destinado à circulação exclusiva para a rede de relacionamentos da Rio Bravo, podendo ser divulgado também em seu site. Fica proibida a reprodução ou redistribuição para qualquer pessoa, no todo ou em parte, qualquer que seja o propósito, sem o prévio consentimento expresso da Rio Bravo. Para maiores informações sobre os produtos, tabelas de custos operacionais, acesse www.riobravo.com.br. LEIA O MATERIAL ANTES DE INVESTIR. RENTABILIDADE PASSADA NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RENTABILIDADE FUTURA. A RENTABILIDADE DIVULGADA NÃO É LÍQUIDA DE IMPOSTOS. FUNDOS DE INVESTIMENTO NÃO CONTAM COM GARANTIA DO ADMINISTRADOR, DO GESTOR, DE QUALQUER MECANISMO DE SEGURO OU FUNDO GARANTIDOR DE CRÉDITO FGC. ESTE FUNDO TEM MENOS DE 12 (DOZE) MESES. PARA AVALIAÇÃO DA PERFORMANCE DE UM FUNDO DE INVESTIMENTO, É RECOMENDÁVEL A ANÁLISE DE, NO MÍNIMO, 12 (DOZE) MESES. A RENTABILIDADE DIVULGADA NÃO É LÍQUIDA DE IMPOSTOS E TAXA. AS INFORMAÇÕES PRESENTES NESTE MATERIAL TÉCNICO SÃO BASEADAS EM SIMULAÇÕES E OS RESULTADOS REAIS PODERÃO SER SIGNIFICATIVAMENTE DIFERENTES. A RENTABILIDADE AJUSTADA CONSIDERA O REINVESTIMENTO DOS DIVIDENDOS, JUROS SOBRE CAPITAL PRÓPRIO OU OUTROS RENDIMENTOS ADVINDOS DE ATIVOS FINANCEIROS QUE INTEGREM A CARTEIRA DO FUNDO REPASSADOS DIRETAMENTE AO COTISTA. DESCRIÇÃO DO TIPO ANBIMA DISPONÍVEL NO FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES. ESTA INSTITUIÇÃO É ADERANTE AO CÓDIGO ANBIMA DE REGULAÇÃO E MELHORES PRÁTICAS. Para informações, ligue para +55 11 3509-6600. Para reclamações, utilize o SAC/Ouvidoria: 0800-722-9910.